

*A vida são deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê já são seis horas!
Quando se vê já é sexta-feira...
Quando se vê já terminou o ano...
Quando se vê, passaram-se 50 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
Se mo fosse dada, um dia, outra oportunidade, eu nem olhava no relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho, a casca dourada e
inútil das horas...
Dessa forma eu digo, não deixe de fazer algo que gosta devido à falta de
tempo, a única falta que terá, será deste tempo que infelizmente não
voltará jamais.*

*A Vida
Mário Quintana*

Ao nos depararmos com todas as atividades acadêmicas que nos cercam somos instados a refletir com Mario Quintana sobre o correr dos dias e a fúria do tempo do relógio que se alimenta de nossas vidas para subtrair a força vital de que necessita.

Não são poucas as vezes que nos perguntamos sobre o que estamos fazendo de nossas vidas, já que corremos na maior parte dos dias como eternos devedores de uma produção infinita de conhecimentos novos que possam ser divulgados e tragam como retorno o reconhecimento de um determinado grupo de pesquisa, de um determinado programa de pós-graduação, de um determinado rol de cientistas.

A marca da produtividade da lógica de mercado instalou-se em nossas instituições acadêmicas, e ainda que aí esteja para nos lembrar o sistema no qual estamos inseridos, não poderia ganhar a prerrogativa de senhorio sobre nossas vidas e sobre a produção do saber para o qual contribuímos.

O eixo organizador de nossas vidas e de produção acadêmica precisa de outra marcação do tempo. Para avançar do *chronos* ao *kairós*, do tempo medido pelos instrumentos humanos ao tempo da oportunidade transcendente, será fundamental que nossa motivação principal na pesquisa esteja coordenada pela pergunta sobre a vida que nosso conhecimento é capaz de promover. E vida em toda sua amplitude, o que implica em vida humana, vida de todos os seres vivos, energias vivas que compõem o grande ecossistema vivo.

O convite que temos diante de nós é o de arrumar os sentidos da vida de tal maneira que possamos nos abrir para um movimento aprendente que prioriza a provisoriidade e a transitoriedade dos saberes e o instaura no *kairós*, como tempo oportuno para novas descobertas e nos libera da fúria do *chronos* que impõem um ritmo acelerado que nos faz perder a vida quando estamos buscando encontrá-la e afirmá-la em nossas lidas acadêmicas.

Nosso vocabulário restrito reduz a um único termo as diversas possibilidades de “tempo”. Os gregos ao usar pelo menos três palavras para indicar tempo parecem permitir captar melhor a dinâmica da vida: *ayon*, *kairos* e *chronos* mesclam-se em nosso cotidiano ajudando-nos a re-significar nossa existência.

O tempo sequencial, medido, pelo relógio, o *chronos* apossa-se do cotidiano de forma violenta e, não raras vezes, indicando a pressa, o atraso, a produção. No entanto, somos instados a buscar cotidianamente o *kairós*, o tempo da oportunidade, as vezes da crise, do impasse que nos abre horizontes inimagináveis, mas para o qual é preciso ter a sensibilidade e sabedoria para não deixar passá-lo. Entre estes dois tempos parecem circular nossas produções de saber. Contudo, uma terceira dimensão do tempo cabe ser mencionada, a dimensão *ayon*, o tempo da liberdade, da aventura, da brincadeira, do lúdico, da ausência de obrigações, o tempo de desfrutar da vida como condição humana fundamental para existir, afinal sua finitude é real.

Este volume da RBCM nos proporciona a oportunidade de confrontarmos-nos com nossa produção acadêmica como resultado de uma bela dança dos “tempos”. Em uma dinâmica de três tempos fazendo a vida acontecer sem ter que lamentar tempos de vida não vividos plenamente pois, como nos provoca Quintana, a única falta que sentiremos será “*deste tempo que infelizmente não voltará jamais*”.

Prof^a Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio
Prof Me. Junior Vagner Pereira da Silva
Editores